

MARIADITA
JAGUARIÚNA

REGULARIZAÇÃO DE IMÓVEIS
URBANOS E RURAIS

- HABITE-SE (19) 99215-4852
- INSTITUIÇÃO DE CONDOMÍNIO (19) 99184-6967
- CAR - CCIR - INCRA

Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça) agora aqui todas as semanas



Aos que ainda não me conhecem, meu nome é Caius Godoy, advogado e administrador de empresas com atuação exclusiva no agronegócio. De uma família de produtores rurais do interior de São Paulo, a querida Duartina, tento através do meu trabalho levar informações para dentro da porteira, sendo elas envolvendo o Direito, ou não. Hoje tenho escritório nas cidades de Campinas e Jaguariúna e com muito orgulho sou conhecido e chamado carinhosamente pelos meus amigos e clientes, como o Dr. da Roça. Espero que gostem da minha coluna semanalmente falando sobre o mundo agro e agradeço pela oportunidade do Grupo O Regional de comunicação.

E como sempre finalizo, tchaaaau obrigado!!

Você sabe o que é o crédito de carbono?

Nos últimos anos, o termo crédito de carbono tem ganhado destaque nas discussões sobre sustentabilidade e economia verde. No entanto, muitos ainda têm dúvidas sobre o que exatamente são esses créditos e como eles funcionam. A crescente preocupação com as mudanças climáticas e a busca por soluções para reduzir as emissões de gases de efeito estufa trouxeram os créditos de carbono para o centro das atenções globais, sendo uma ferramenta importante para empresas e governos comprometidos com a preservação ambiental.

O que é o Crédito de Carbono?

O crédito de carbono é um mecanismo criado pelo Protocolo de Quioto, um tratado internacional firmado em 1997, com o objetivo de reduzir a emissão de gases poluentes, em especial o dióxido de carbono (CO₂), principal responsável pelo efeito estufa. Um crédito de carbono representa a redução ou remoção de uma tonelada de CO₂ ou o equivalente em outros gases de efeito estufa da atmosfera.

Esses créditos podem ser gerados por projetos ambientais, como reflorestamento, energia renovável ou conservação de florestas. Em resumo, o crédito de carbono se converte em uma espécie de "moeda verde", permitindo que empresas e países que têm emissões acima das metas estabelecidas comprem créditos para compensar o que emitiram além do permitido.

Como Funciona na Prática?

O funcionamento do crédito de carbono é relativamente simples. Empresas e países que emitem grandes quantidades de CO₂ precisam, cada vez mais, reduzir suas emissões para cumprir metas ambientais. Porém, nem sempre é possível realizar essa redução de forma rápida ou barata. É aí que entra o crédito de carbono.

Empresas que conseguem reduzir suas emissões ou participar de projetos que removem CO₂ da atmosfera podem gerar créditos de carbono. Esses créditos podem ser vendidos no mercado para outras empresas ou países que necessitem compensar suas emissões. Assim, uma empresa que continua poluindo pode "comprar" créditos de carbono para equilibrar seu impacto ambiental.

Por exemplo, uma usina de energia solar que evita a queima

de combustíveis fósseis pode gerar créditos de carbono, que são comprados por uma fábrica que emite mais CO₂ do que deveria. Desta forma, a fábrica reduz seu impacto ambiental sem precisar fazer mudanças imediatas em seu processo produtivo.

Importância para a Sustentabilidade.

O crédito de carbono é uma ferramenta crucial para estimular a redução global das emissões de gases de efeito estufa. Ele cria um incentivo econômico para que empresas invistam em tecnologias limpas e sustentáveis, além de ajudar a financiar projetos de proteção ambiental em países em desenvolvimento.

No Brasil, o mercado de crédito de carbono tem grande potencial, principalmente devido à vasta cobertura florestal e à crescente adoção de fontes de energia renovável, como a solar e a eólica. Projetos de conservação da Amazônia e do Cerrado, por exemplo, têm gerado créditos de carbono que podem ser negociados no mercado internacional.

Desafios e Perspectivas

Apesar de sua importância, o mercado de crédito de carbono ainda enfrenta desafios. Um deles é a falta de padronização e regulamentação clara em muitos países, o que dificulta a comercialização e o monitoramento eficaz dos créditos. Além disso, algumas críticas apontam que o uso excessivo dos créditos pode levar empresas a postergarem mudanças efetivas em seus processos produtivos, preferindo pagar pela compensação em vez de reduzir as emissões diretamente.

Mesmo assim, o crédito de carbono representa uma ferramenta fundamental na transição para uma economia mais sustentável e menos dependente de combustíveis fósseis. À medida que a conscientização ambiental cresce, espera-se que o mercado de créditos de carbono continue se expandindo, incentivando a redução das emissões e promovendo um futuro mais verde e equilibrado.

Seja você uma empresa ou um cidadão comum, entender o que são os créditos de carbono é essencial para participar dessa nova economia verde que está se moldando. Afinal, a sustentabilidade é uma responsabilidade de todos nós.

Perspectiva da Conab aponta para novo aumento na área de arroz e feijão na safra 2024/2025

Em meio aos desafios climáticos que se apresentam a cada nova safra, arroz e feijão devem apresentar novo crescimento no volume a ser colhido no ciclo 2024/2025. A alta é influenciada pela ligeira recuperação na área plantada dos dois principais produtos de consumo dos brasileiros, como mostra a 12ª edição das Perspectivas para a Agropecuária. A publicação, divulgada nesta terça-feira (17) pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), em parceria com o Banco do Brasil (BB), aponta ainda que a produção de grãos na temporada 2024/2025 tem potencial para atingir 326,9 milhões de toneladas, o que seria um novo recorde na série histórica.

De acordo com a análise da Conab, a projeção é de um incremento na área destinada ao arroz na temporada 2024/2025 mais intenso do que o identificado na safra 2023/2024. Os preços e a rentabilidade da cultura encontram-se em um dos melhores patamares históricos para o produtor. Com isso, a perspectiva é de uma alta expressiva de 11,1% na área destinada para o grão, e uma produção que deve ficar em torno de 12,1 milhões de toneladas, recuperando o volume obtido na safra 2017/2018. Para a safra de 2024/2025, a perspectiva de maior disponibilidade interna do grão, aliada à demanda aquecida do mercado internacional pelo arroz brasileiro, e a projeção de arrefecimento dos preços internos, abre espaço para um possível aumento das exportações do produto, que podem chegar a 2,0 milhões de toneladas.

Dupla do arroz no prato dos brasileiros, o feijão também tende a apresentar aumento na área no próximo ciclo. Projeta-se um incremento de 1,2% em relação a 2023/2024. Como a produtividade das lavouras tende a apresentar ligeira queda, a colheita da leguminosa deverá se manter dentro de uma estabilidade próxima a 3,28 milhões de toneladas, a maior desde 2016/2017. Com isso, a produção segue ajustada à demanda e deverá continuar proporcionando boa rentabilidade ao produtor.

Cenário positivo – A Conab também prevê um novo aumento para a área destinada à cultura do algodão, podendo chegar a 2 milhões de hectares, elevação de 3,2% em relação à safra 2023/2024. Na região do Matopiba, que engloba Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, é onde se espera o maior crescimento em termos proporcionais. Os produtores têm investido na fibra, uma vez que o produto apresenta boa rentabilidade em relação a outros grãos, grande facilidade de comercialização antecipada e excelente competitividade em termos de preço e de qualidade da pluma brasileira no mercado internacional. Esses fatores influenciam na expectativa de produção da temporada 2024/2025, quando se espera uma colheita de 3,68 milhões de toneladas apenas da pluma.

Cenário positivo também é previsto para a produção de soja. Mesmo com a pressão baixista nos preços nacionais e os desafios de rentabilidade, a olea-

ginosa continua a ser uma cultura lucrativa e com alta liquidez. A crescente demanda global, impulsionada pelo aumento do esmagamento e pela expansão da produção de biocombustíveis, tanto no Brasil quanto internacionalmente, alimenta expectativas de crescimento nas exportações e no esmagamento interno. Esse panorama influencia na projeção de aumento da área plantada, podendo chegar a 47,4 milhões de hectares. A produtividade tende a apresentar recuperação, após problemas climáticos nos principais estados produtores brasileiros. A combinação de maior área e melhor desempenho nas lavouras resulta na projeção de uma colheita em torno de 166,28 milhões de toneladas, 12,82% superior à safra 2023/2024.

Já para o milho, o cenário é de manutenção da área a ser cultivada. Apesar disso, a produtividade deve apresentar recuperação, o que contribui para uma expectativa de alta na produção, estimada em 119,8 milhões de toneladas. Mesmo com o crescimento na safra do cereal, as exportações estão projetadas em 34 milhões de toneladas no ciclo 2024/2025, queda de 5,6%, se comparada com as vendas da safra 2023/2024. No mercado interno, a demanda pelo grão deverá se manter aquecida, uma vez que o bom desempenho do mercado exportador de proteína animal deverá sustentar o consumo por milho, especialmente para composição de ração animal. Além disso, é esperado um aumento da procura do grão para produção de etanol, sendo estimado um crescimento de 17,3% para a produção do combustível produzido a partir do milho.

Artigo Banco do Brasil – Pela primeira vez, a Perspectivas para a Agropecuária é realizada em parceria com o Banco do Brasil. Trata-se da materialização do início de parceria inédita firmada entre a Companhia e o Banco do Brasil, por meio de Acordo de Cooperação Técnica, que abrangerá atividades de pesquisa, de desenvolvimento, de treinamento, de intercâmbio de tecnologias e de metodologias, de produção de informações agropecuárias e de ações promocionais conjuntas em feiras e eventos estratégicos para as instituições. No trabalho, a instituição financeira abordou a importância do crédito rural como fomentador de uma agricultura que visa ao desenvolvimento dos negócios por meio de ações ambientais, sociais e de governança; de forma que haja adequação dos processos produtivos ao comportamento climático atual, diversificação da matriz energética, rastreabilidade, certificado de origem da produção, práticas conservacionistas, certificação, crédito para a recuperação ambiental, custeio anual ou que melhorem toda a gestão da atividade rural.

Outras informações sobre o panorama dos principais grãos cultivados no país estão disponíveis na publicação Perspectivas para a Agropecuária na Safra 2024/2025. O documento também traz a projeção de produção e de mercado para carnes bovinas, suínas e aves em 2025.

Conab estima produção de grãos em 298,41 milhões de toneladas no último levantamento da safra 2023/2024

A produção de grãos na safra 2023/2024 se encerra estimada em 298,41 milhões de toneladas, uma redução de 21,4 milhões de toneladas em relação ao volume obtido no ciclo anterior. A diminuição observada se deve, principalmente, à demora na regularização de chuvas no início da janela de plantio, aliada às baixas precipitações durante parte do ciclo das lavouras nos estados da região Centro-Oeste, do Matopiba, em São Paulo e no Paraná e pelo excesso de precipitação registrado no Rio Grande do Sul, sobretudo nas lavouras de primeira safra. Os estados paulista e paranaense, além de Mato Grosso do Sul, também apresentaram condições adversas durante o desenvolvimento das culturas de 2ª safra. Ainda assim, esta é a segunda maior safra a ser colhida na série histórica da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

De acordo com os dados do 12º e último Levantamento da Safra de Grãos 2023/2024, divulgado nesta quinta-feira (12) pela Companhia, a área semeada está estimada em 79,82 milhões de hectares, acréscimo de 1,6% ou 1,27 milhão de hectares sobre 2022/2023. Já a produtividade média das lavouras apresenta redução de 8,2%, saindo de 4.072 quilos por hectare na temporada passada para 3.739 quilos por hectare no atual ciclo.

Dentre as culturas afetadas pelo clima adverso, destaque para a soja, cujo volume total colhido na safra 2023/2024 é estimado em 147,38 milhões de toneladas, redução de 7,23 milhões de toneladas em relação ao período 2022/2023. A queda observada se deve, principalmente, ao atraso do início das chuvas, às baixas precipitações e às altas temperaturas nas áreas semeadas entre setembro e novembro, nas Regiões Centro-Oeste, Sudeste e na região do Matopiba, situações que causaram replantios e perdas de produtividade. Só em Mato Grosso, principal estado produtor da oleaginosa, a produção ficou em 39,34 milhões de toneladas, quebra de 11,9% ao se comparar ao primeiro levantamento ou 15,7% ao se comparar com a safra passada. No Rio Grande do Sul, o excesso de chuva também prejudicou a produção da oleaginosa.

Outro importante produto que também

teve consequências do clima registrado ao longo do desenvolvimento do cultivo foi o milho. Na primeira safra, as altas temperaturas e chuvas irregulares impactaram importantes regiões produtoras, como Minas Gerais. No segundo ciclo do cereal, o clima foi mais favorável em Mato Grosso e Goiás, por exemplo. Mas em Mato Grosso do Sul, em São Paulo e no Paraná veranicos ocorridos em março e abril, aliados a altas temperaturas e ataques de pragas, comprometeram o potencial produtivo do cereal. Além do menor desempenho, a Conab verificou uma redução na área destinada ao cultivo do grão. Nesse cenário de menor área e produtividade, a colheita total de milho está estimada em 115,72 milhões de toneladas nesta safra, queda de 12,3% do produzido em 2022/2023.

A Conab também verifica ligeira queda de 1,5% na produtividade do algodão, estimada em 4.561 quilos por hectare de algodão em caroço. Porém, a área destinada para a cultura teve aumento expressivo de 16,9% o que reflete em uma elevação na produção de 15,1%. Só para a pluma, a Companhia estima uma colheita de 3,65 milhões de toneladas, um novo recorde para a série histórica da cultura.

Seguindo o cenário de alta na produção, o volume colhido para arroz e feijão também é maior nesta safra quando comparado com a temporada passada. No ciclo 2023/2024, a produção estimada em 10,59 milhões de toneladas de arroz representa um crescimento de 5,5%. Assim como no caso da fibra, essa elevação é influenciada principalmente pela maior área cultivada no país, uma vez que a produtividade média das lavouras foi prejudicada, reflexo das adversidades climáticas, com instabilidade durante o ciclo produtivo da cultura, em especial no Rio Grande do Sul, maior estado produtor do grão.

Para o feijão, a safra total estimada é de 3,25 milhões de toneladas, 7% superior à produção de 2022/23. O bom resultado é influenciado, principalmente, pelo desempenho registrado na 2ª safra da leguminosa, onde foi registrado um acréscimo de 18,5% na produção, chegando a 1,5 milhão de toneladas.

Dentre as culturas de inverno, o plantio já foi concluído e estima-se uma redução de

9,8% na área plantada quando comparada com a safra passada. Destaque para o trigo. Para a principal cultura cultivada entre os cereais de inverno, a queda na área chega a 11,6%, estimada em aproximadamente 3,1 milhões de hectares.

Apesar de finalizar a temporada 2023/2024 e, a partir de outubro, reiniciar o ciclo e contabilizar os números da próxima safra, a Conab continua acompanhando o desenvolvimento das lavouras que se encontram em campo, como as de inverno e de 3ª safra.

Mercado – Neste ano safra, a Conab verifica recuperação na produção de arroz, influenciado principalmente pelo aumento na área plantada. Importante produto para o mercado interno, a estimativa de consumo para o produto foi elevada em 6,5% chegando a cerca de 11 milhões de toneladas. Essa alta tem como base o aumento na safra do grão aliada a um cenário de adoção de políticas públicas que incentivem o consumo de arroz ao longo de 2024, além da expansão significativa do auxílio médio e do número de beneficiários do Programa Bolsa Família. Já as exportações estão estimadas em 1,3 milhão de toneladas, redução de 25,9% em relação à safra anterior. Isso deve-se ao fato de os preços internos estarem acima das paridades de exportação, além da recuperação do potencial produtivo dos Estados Unidos, afetado na safra anterior.

Dupla do arroz no prato dos brasileiros, o feijão também registrou maior produção na atual safra. Para a leguminosa, além da alta no consumo interno, saindo de 2,85 milhões de toneladas para 3 milhões de toneladas, as vendas ao mercado internacional também tendem a crescer sendo estimadas em 227,4 mil toneladas.

No caso do milho, a menor safra colhida impacta na oferta do cereal brasileiro no mercado externo. Diante desse cenário, o Brasil deverá reduzir o volume de exportações do grão. A Conab estima que 36 milhões de toneladas sairão do país via portos, entre fevereiro de 2024 e janeiro de 2025, volume 34,1% inferior ao estimado na safra 2022/23.

Os dados completos sobre o 12º Levantamento da Safra de Grãos 2023/2024 e as condições de mercado destes produtos podem ser conferidos no Portal da Conab.

Quiabo precoce oferece vantagem competitiva ao produtor rural

O quiabo híbrido Tropical pode ser colhido de 25 a 30 dias antes de outras cultivares também do tipo Santa Cruz

Os avanços na genética de sementes estão entre os fatores que possibilitaram ao produtor brasileiro o crescimento da sua produtividade no campo e a elevação da sua competitividade no mercado. Por isso, investimentos em pesquisa e alta tecnologia são o combustível para a inovação neste campo e estão entre os destaques da Agristar.

Com a proposta de desenvolver e testar produtos de alto desempenho, a companhia possui quatro estações experimentais e uma unidade de pesquisa e melhoramento estrategicamente localizadas em São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Norte.

Com mais de sessenta anos de experiência e infraestrutura avançada, a companhia lidera esse movimento de inovação ao desenvolver opções lucrativas ao produtor, adaptadas

para os mais diversos climas e regiões. Um exemplo é o quiabo Tropical, presente na Linha Topseed Premium.

Este melhoramento da variedade Santa Cruz se destaca pela precocidade. "Quem planta o Tropical já começa a colher entre 25 e 30 dias, antes de quem planta a variedade Santa Cruz", explica o Especialista em Cinturão Verde, Roberto Araújo, acrescentando como ponto positivo a longevidade de colheita, garantindo alta produtividade.

A expertise da Agristar também permitiu que essa cultivar possua bom pegamento, ótimo florescimento e resistência a condições climáticas desfavoráveis. "A planta não para de produzir mesmo em épocas difíceis, como no frio", resume Araújo.

Qualidade refletida no dia a dia do produtor

Trabalhando com quiabo há sete anos, Rafael Martins atua na região de São José

do Rio Preto, no noroeste de São Paulo. Ele conta que está investindo em aumentar seu volume e área (atualmente são cerca de 1.200 caixas colhidas por hectare, em aproximadamente quatro hectares), já que, além do mercado interno, também está produzindo para exportação.

Como especialista nesse tipo de plantio, ele pontua os vários aspectos que podem prejudicar a produção: "O manejo de irrigação precisa ser bem executado, assim como o manejo nutricional, uma adubação bem equilibrada, manejo de pragas e doenças. Então é preciso fazer os controles, as pulverizações e trabalhar de forma preventiva. Isso ajuda bastante a ter um padrão bom de frutos".

E, nesse sentido, o Quiabo Tropical é uma excelente ferramenta. "É uma variedade boa, tanto em questão de produtividade como precocidade, padrão e coloração dos frutos. Teve uma ótima aceitação", explica.



Phibro apresenta soluções para bovinos de corte e patrocina palestra no Feedlot Summit 2024 em Goiânia

Especialista australiano falará sobre o sucesso do seu país na produção de carne bovina

Empresa destaca o NutraGen: solução nutricional que beneficia o sistema imune e performance de animais confinados

A Phibro Saúde Animal, empresa global que atua no setor de saúde e nutrição animal, é patrocinadora do Feedlot Summit Brazil, reunião anual de técnicos e produtores de gado de corte, entre 18 e 20 de setembro, em Goiânia (GO).

"A participação da Phibro no evento, reflete o nosso compromisso com a saúde e a nutrição animal, bem como com a sustentabilidade e bem-estar animal. Nós acreditamos que as conexões entre pessoas, animais e o planeta são fundamentais para otimizar a sanidade das espécies produtivas e promover um mundo mais responsável em relação ao meio ambiente", afirma Camila Ferraz, geren-

te de marketing da Phibro na América do Sul.

No segundo dia de evento (19.09), a Phibro apresentará ao público do congresso a palestra "The Australian case: from commodity to value-added beef", em que o médico-veterinário Matthew George abordará como a Austrália transformou sua pecuária em uma cadeia de proteína animal de elevado valor agregado e reconhecida globalmente. O profissional é sócio-proprietário da Bovine Dynamics - Feedlot Veterinary & Nutrition Consultants.

"A Phibro também apresentará os benefícios de nossas soluções, como NutraGen. Este produto comprovadamente proporciona maior atividade do sistema imune, melhorando a adaptação dos animais no período de confinamento e consequentemente os índices de performance animal. Além disso, temos observado redução na morbidade e mortalidade dos animais, o que tem impacto

direto na lucratividade das operações de confinamento", esclarece a zootecnista Josiane Lage, gerente de produto e serviços técnicos para bovinos de corte da Phibro na América do Sul.

Sobre a Phibro Saúde Animal

A Phibro Saúde Animal é uma das mais importantes indústrias veterinárias e de nutrição animal do mundo. Criada em 1916, nos Estados Unidos, está presente no Brasil há 25 anos, oferecendo produtos para suínos, aves, bovinos de corte e de leite, peixes e camarões, além de oferecer soluções para a produção de fontes energéticas renováveis. A empresa é uma das pioneiras no agronegócio a divulgar relatório completo de ações sobre responsabilidade ambiental, social e de governança (ESG, na sigla em inglês), dando transparência à sua atuação nesse campo em nível global. Para mais informações, acesse: www.phibrosaudeanimal.com

Com previsão de crescimento da área de arroz na safra 2024/2025, agricultores devem ficar em alerta para controle de gramíneas



Um novo herbicida de alta seletividade, como o Strike, pode potencializar a produtividade no campo, oferecendo um manejo eficiente de plantas daninhas no arroz

Presente em quase todas as refeições dos brasileiros, o arroz não apenas sustenta milhões de famílias diariamente, mas também desempenha um papel crucial no agronegócio devido à sua grande importância econômica. Cultivado em larga escala no País, o estado do Rio Grande do Sul é responsável por mais de 70% da produção nacional. De acordo com dados da Embrapa, a área plantada na safra 2024/25 deverá ser de 1,585 milhão de hectares em todo o Brasil, o que representa um crescimento de 2,4% em relação ao ciclo anterior. Contudo, o cultivo desse cereal enfrenta desafios significativos, especialmente em razão de plantas daninhas, com ênfase nas gramíneas, que competem com a cultura de arroz por recursos essenciais como nitrogênio, água e luz.

As gramíneas, que germinam continuamente a partir do banco de sementes do solo, têm sido um problema persistente para os produtores de arroz. A competição é mais intensa nos primeiros 25 a 30 dias

após a semeadura, período crítico para o desenvolvimento da cultura. Este é um fator importante a ser considerado nos programas de manejo com herbicidas, uma vez que há poucas opções para controle de gramíneas em pós-emergência, além das dificuldades crescentes no manejo de água após a aplicação destes produtos.

Segundo o engenheiro agrônomo e gerente de Marketing Regional, João Tomás, embora o uso de herbicidas seja uma prática comum para o controle das plantas daninhas, elas apresentam resistência a diversas moléculas existentes no mercado e uma nova solução pode atender melhor às expectativas dos agricultores. "Nesse cenário, surge o herbicida STRIKE, produzido pela IHARA, com alta seletividade para a cultura do arroz, que promete transformar o manejo de plantas daninhas resistentes e difíceis de controlar, com ênfase nas gramíneas. É uma ferramenta robusta para o controle pós-emergente, que contribui para o aumento da produtividade", enfatiza Tomás.

Alta produtividade com estratégias de manejo
Com uma produção estimada em 10,996 milhões de toneladas para a safra 2024/2025, representando um aumento de 7,8% em relação a 2023/2024, quando foram produzidos 10,204 milhões de toneladas, o arroz se torna cada vez mais uma cultura essencial para o Brasil. Diante dessas projeções, um combate eficiente às plantas daninhas é crucial para melhorar a produtividade e reduzir os custos associados à limpeza e ao beneficiamento do cereal. A introdução de novas tecnologias, como o herbicida STRIKE, representa um avanço significativo no enfrentamento desses desafios e na potencialização da produção nacional de arroz de forma mais eficiente e sustentável.

Essa solução contribui para o manejo das principais gramíneas, como Capim-arroz, Milhã, Papuã e Capim-pé-de-galinha, destacando-se pelo seu amplo espectro de ação e pela capacidade de otimizar o controle de plantas daninhas, mesmo em situações de

resistência a outros herbicidas. A flexibilidade de uso em misturas e a economia na aplicação são vantagens adicionais, que auxiliam o agricultor a enfrentar os crescentes desafios da matocompetição. Além disso, o STRIKE permite combinações com outros ativos do portfólio da IHARA, oferecendo um controle sinérgico que aprimora a eficácia geral do manejo.

"A IHARA é uma referência consolidada no setor, oferecendo uma linha moderna e abrangente de defensivos. Temos orgulho em apresentar esta nova solução, que visa fortalecer a produção de arroz irrigado no Brasil e fornecer um portfólio completo para os rizicultores", afirma o gerente de Marketing Regional.

O portfólio da IHARA inclui produtos já consagrados entre os agricultores, como os herbicidas NOMINEE e SIRIUS, que, junto com o STRIKE, garantem uma lavoura limpa. A sanidade das culturas é assegurada com o tratamento de sementes, utilizando a solução CERTEZA N. Além disso, o inseticida multipragas TERMINUS é eficaz no combate ao Percevejo-do-arroz, oferecendo um duplo mecanismo de ação — por contato e por ingestão — em qualquer fase da cultura.

Sobre a IHARA

A IHARA é uma empresa de pesquisa e desenvolvimento que há 59 anos leva soluções para a agricultura brasileira, setor no qual é reconhecida como fonte de inovação e tecnologia japonesa como uma marca que tem a credibilidade e a confiança dos seus clientes. A empresa conta com um portfólio completo de fungicidas, herbicidas, inseticidas, biológicos, acaricidas e produtos especiais somando mais de 80 soluções que contribuem para a proteção de mais de 100 diferentes tipos de cultivos, colaborando para que os agricultores possam produzir cada vez mais alimentos, com mais qualidade e de forma sustentável. Em 2022, a IHARA ingressou no segmento de pastagem, oferecendo soluções inovadoras para o pecuarista brasileiro. Para mais informações, acesse o site da IHARA.

Desafios globais e caminhos para o futuro com sustentabilidade precisam ser enfrentados e alcançados com a máxima urgência

Um estudo feito por cientista da Embrapa Meio Ambiente alerta que o planeta está próximo de um ponto de inflexão, após o qual será impossível reverter os danos causados pelas mudanças climáticas. Os relatórios do IPCC, incluindo o Sexto Ciclo de Avaliação, preveem um cenário catastrófico caso as emissões de CO₂ não sejam drasticamente reduzidas. O aquecimento global, a degradação dos solos e as mudanças nos padrões climáticos podem tornar a Terra inabitável.

"Estamos em um momento decisivo para a proteção ambiental e a promoção da sustentabilidade. Para evitar um futuro apocalíptico, as mudanças precisam começar localmente, com ações nos municípios que se expandam para os níveis estadual, federal e, finalmente, global. O tempo está se esgotando, e a responsabilidade por um futuro sustentável é urgente", acredita Marco Gomes, pesquisador da Embrapa Meio Ambiente.

O conceito de sustentabilidade foi delineado pela primeira vez na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo em 1972. Posteriormente, ganhou maior destaque com o Relatório "Nosso Futuro Comum" (1987), da ex-primeira-ministra norueguesa Gro Brundtland. No entanto, a expressão sustentabilidade ambiental tornou-se amplamente conhecida durante a ECO-92, no Rio de Janeiro, marcando um

momento crucial nas discussões globais sobre meio ambiente. Apesar de décadas de debates e conferências organizadas pela ONU, muitos países ainda não conseguem implementar de maneira eficaz esse conceito, essencial para a sobrevivência do planeta.

Os especialistas alertam que o modelo de produção em massa tem promovido uma exploração desenfreada dos recursos naturais, levando a uma devastação ambiental crescente. Além disso, a desinformação e as falsas notícias disseminadas pela mídia e redes sociais contribuem para a gravidade da crise ambiental.

A sustentabilidade envolve um equilíbrio entre a exploração dos recursos naturais e sua preservação, assegurando o bem-estar das gerações futuras. O conceito de "desenvolvimento sustentável", amplamente divulgado no Relatório Brundtland, refere-se ao desenvolvimento socioeconômico que respeita os limites da natureza. Embora a conscientização sobre a finitude dos recursos naturais tenha aumentado, as práticas sustentáveis ainda estão longe de serem uma realidade.

Conforme o pesquisador, o termo sustentabilidade tem sido usado de maneira indiscriminada. Empresas privadas, por exemplo, exibem selos de responsabilidade socioambiental sem um real compromisso com o meio ambiente, e o setor público enfrenta entraves burocráticos que dificultam



a implementação de políticas ambientais efetivas.

Gomes destaca que exemplos como o uso de energia solar fotovoltaica, reaproveitamento de águas pluviais e sistemas eficientes de tratamento de esgoto são exceções ou pouco usuais, especialmente no Brasil. Isso significa que ainda estamos longe de implementar as práticas sustentáveis básicas de forma minimamente satisfatória. "A agricultura (irresponsável) também contribui para a degradação ambiental, com práticas como o desmatamento do Cerrado e da Amazônia e as queimadas descontroladas", disse.

Pesquisa torna mais fácil e economicamente viável a produção de biopesticida



A equipe substituiu o caro extrato de levedura por fontes de proteínas vegetais, e encontrou uma alternativa econômica e eficiente para a produção em larga escala do fungo.

Descoberta de pesquisadores da Universidade Federal de Goiás e da Embrapa reduz custo de produção de *Beauveria bassiana*, fungo-base para inseticidas biológicos.

Cientistas usaram proteínas vegetais oriundas de subprodutos industriais para gerar nitrogênio para multiplicar o fungo.

Com isso, deram também mais sustentabilidade à produção do bioinsumo.

Pesquisadores esperam que a descoberta estimule a produção e o uso de bioinseticidas, alternativa ambientalmente mais sustentável em comparação aos químicos sintéticos.

Técnica pode ser aplicada na produção de outras espécies de fungos para controle de pragas agrícolas.

Descoberta de cientistas da Embrapa Meio Ambiente (SP) e da Universidade Federal de Goiás (UFG) deverá facilitar a produção do fungo *Beauveria bassiana*, espécie nociva a insetos-praga e muito utilizada na composição de pesticidas biológicos. Os pesquisadores descobriram uma fonte de nitrogênio mais barata a partir de proteínas vegetais. O fornecimento de nitrogênio é parte essencial para a produção desse fungo e é o nutriente mais caro do meio de cultivo desse microrganismo.

A equipe substituiu o caro extrato de levedura por fontes de proteínas vegetais, e encontrou uma alternativa econômica e eficiente para a produção em larga escala do fungo. Essa descoberta recente envolvendo o processo de fermentação líquida de *Beauveria bassiana* revelou a viabilidade de fontes de nitrogênio de origem vegetal na produção de blastosporos desse fungo. Os blastosporos são células produzidas por fermentação líquida por diversos fungos que causam doenças em

insetos e ácaros pragas.

Os pesquisadores apontam que as proteínas vegetais a serem empregadas no processo podem ser obtidas de subprodutos oriundos de processos agroindustriais. Essa substituição, além de oferecer uma alternativa mais econômica para a produção em larga escala do fungo, também é uma solução mais sustentável ao processar um material de baixo valor econômico e considerado como subproduto pela agroindústria.

Para a primeira autora do trabalho, Valesca Lima, da UFG, essa descoberta irá impulsionar novos avanços na produção de biopesticidas, tornando-a mais acessível e sustentável. "A utilização de nitrogênio orgânico proveniente de subprodutos agroindustriais não apenas diminui os custos operacionais da produção de fungos por fermentação líquida, uma vez que reduz a dependência de substratos nitrogenados caros, mas também contribui para a valoração desses compostos convertendo-os em biopesticidas sustentáveis. Tudo isso sem perder as características desejáveis do bioproduto, como a alta produção, virulência e tolerância a fatores abióticos", afirma Lima.

Desempenho superior do microrganismo

Os blastosporos produzidos nos meios com as fontes de nitrogênio de origem vegetal resistiram aos estresses abióticos e foram eficientes em combater pragas. Além disso, sobreviveram por mais tempo após serem desidratados, dependendo da fonte de nitrogênio utilizada. A farinha de semente de algodão, utilizada como fonte de proteína, foi a que apresentou os melhores resultados, ajudando a criar um bom equilíbrio nutricional para esse fungo. "Nossos dados mostram que a farinha de semente de algodão é ótima para produzir blastosporos eficazes contra pragas e resistentes a estresses abióticos para diversas cepas de *Beauveria bassiana*", diz Gabriel Mascarin (foto acima), da Embrapa.

A produção em massa desses fungos, por meio de fontes vegetais de nitrogênio, também resulta em elevada produtividade em menor tempo de fermentação, variando de dois a três dias. Além de *B. bassiana*, essa abordagem pode ser aplicada a outros fungos entomopatogênicos (nocivos a insetos), ampliando o repertório de biopesticidas disponíveis no mercado global à base de blastosporos.

De acordo com Lima, os resultados mostram que a farinha de semente de algodão não só aumentou a produção de blastosporos de *B. bassiana*, mas também melhorou a virulência contra larvas de uma praga. Esses blastosporos demonstraram maior tolerância ao calor e à radiação UV-B, fatores críticos para a eficácia dos biopesticidas. Em bioensaios, os blastosporos provenientes da farinha de algodão causaram expressiva e rápida letalidade e necessitaram ainda de menor quantidade de inóculo para matar a população da praga-alvo, culminando em menor dose letal necessária ao controle eficaz da praga.

O uso de subprodutos agroindustriais como fonte de nitrogênio promove práticas mais sustentáveis ao transformar resíduos em produtos valiosos. Esses subprodutos da agroindústria de grãos são ricos em nutrientes e compostos químicos diversos, tornando-se uma matéria-prima viável para a produção de agentes microbianos. "A integração de conhecimentos envolvida nesse estudo é aplicável a vários biopesticidas fúngicos", destaca Lima.

A cientista conta que a produção em massa de blastosporos por fermentação líquida submersa é mais

vantajosa em comparação à fermentação em substrato sólido, devido à sua escalabilidade, altos rendimentos em curtos períodos de cultivo e menores custos operacionais. Essa tecnologia oferece um controle mais rigoroso dos parâmetros de fermentação, resultando em menor risco de contaminação e maior eficiência na produção.

Implicações futuras e potencial de mercado

O estudo salienta a importância de uma abordagem integrada que combina genética e nutrição para cultivar blastosporos mais robustos e eficazes no controle de pragas. A farinha de semente de algodão e outras fontes de nitrogênio de baixo custo testadas mostraram ser adequadas para uma produção de alta qualidade, com maior resistência a estresses abióticos e melhor estabilidade de armazenamento.

Os cientistas acreditam que essas descobertas são fundamentais para o desenvolvimento de novos biopesticidas, alinhando-se com os princípios de uma economia circular verde. Além disso, a versatilidade nutricional de *B. bassiana* facilita a sua colonização em diversos nichos ecológicos e hospedeiros, ratificando sua eficácia como biopesticida.

"Esse avanço é essencial para a comercialização de bioprodutos de alta qualidade, com impacto positivo na saúde humana e ambiental, e representa um passo significativo na inovação de micopesticidas globais", conclui Mascarin.



Novidades da horticultura na palma da mão: Agristar disponibiliza principal dia de campo em formato digital



A imersão no Open Field Day traz os principais lançamentos da empresa este ano e uma experiência completa pelo campo da Estação Experimental, no interior de São Paulo.

Visando facilitar as escolhas dos produtores e trazer inovações e conhecimento, a tecnologia está cada vez mais presente no campo. Com o setor de horticultura este cenário também já é uma realidade e, atenta a isso, a Agristar proporciona o OFD Virtual, uma imersão completa no campo da Estação Experimental e sede da empresa, localizada em Santo Antônio de Posse (SP).

Disponibilizando com detalhes as principais novidades e lançamentos apresentados este ano durante o Open Field Day - seu tradicional dia de campo que ocorreu em junho, a ferramenta gratuita permite que produtores de todo o País possam ter, na palma da mão, a experiência próxima de quem participou do evento.

"Mesmo com mais de 4.500 visitantes presenciais este ano, sabemos que muitos não puderam

estar presentes, sobretudo da região Sul, devido aos problemas enfrentados com as chuvas. Por isso, buscamos uma solução prática e acessível para que todos pudessem ter a oportunidade de conhecer e se aprofundar em nosso portfólio. O OFD Virtual pode ser acessado pelo computador ou celular e o usuário pode conhecer toda a Estação Experimental, conferindo detalhes técnicos dos produtos em campo, estufa e hidroponia", explica o Gerente de Marketing da Agristar, Marcos Vieira.

Na imersão, os usuários têm acesso a diversas interfaces, desde os detalhes de estrutura, como o túnel na entrada do evento, que exibiu em detalhes a campanha institucional deste ano, até os 23.000 m² de culturas a campo aberto e 420 m² de estufas, preparados desde o fim de 2023 com os lançamentos e destaques de cada linha da empresa.

Pela Topseed Premium, os lançamentos foram o tomate Nivus, cenoura Vitória, cebolinha Itachi e porta-enxerto para beringela, Augusto. Já a Superseed/TSV Sementes lançou o tomate Taos, cenoura Solar, cebola Chelsea, quiabo Hulk e cebolinha Naruto. A Topseed apresentou seu portfólio de Microverdes. Em estufa, os tomates cocktails (minitomates), tomates saladete (italiano), pepinos (japonês e indústria) e produtos para hidroponia (folhosas e maçaria) foram os destaques.

A imersão digital da Agristar conta com o recurso de pontos clicáveis, que indicam a variedade plantada, sua respectiva linha, informações técni-

cas e vídeos explicativos com os especialistas da empresa, abordando as principais características dos materiais. Além disso, os usuários têm acesso à galeria de fotos e vídeos dos três dias de evento.

"Nosso objetivo é fazer com que o OFD Virtual alcance ainda mais profissionais e continue se consolidando como uma ferramenta acessível para a difusão de conhecimento e informações voltadas a horticultura, a nível nacional e internacional, fortalecendo e desenvolvendo o setor", conclui Vieira.

O Tour 360° pode ser acessado pelo site:

<https://www.openfieldday.com.br>

Sobre a Agristar

A Agristar é movida pela paixão ao campo e pelo desafio de superar limites. Com mais de 65 anos de existência, é uma das maiores empresas do país no desenvolvimento, produção e comercialização de sementes de hortaliças e frutas. Atua no mercado profissional com as linhas Topseed Premium, Topseed, Superseed e TSV Sementes, e no segmento de jardinagem, hobby e lazer através das linhas Topseed Garden e TSV Sementes. Com capital 100% nacional e com uma ampla e moderna infraestrutura, a Agristar tem orgulho em conhecer a sua terra e assim desenvolver e testar produtos de alto desempenho. Sediada em Santo Antônio de Posse (SP), a empresa possui quatro estações experimentais e uma unidade de pesquisa e melhoramento estrategicamente localizadas nos estados de SP, MG, SC e RN, que asseguram o desenvolvimento de produtos adaptados para os mais diversos climas e regiões.

Primavera aumenta risco de parasitas em bovinos. Saiba como prevenir

Clima quente e úmido aumenta riscos de infestações parasitárias em bovinos

Rotação de pastagens, limpeza de piquetes e controle biológico diminuem infestação

O uso de antiparasitários específicos é recomendado pelos especialistas

Com a chegada da primavera, aumentam a temperatura e o nível de umidade, favorecendo a proliferação dos parasitas em bovinos que comprometem a saúde do rebanho, reduzindo a produtividade e causando sérios prejuízos econômicos. "Para garantir um rebanho saudável, é preciso adotar práticas preventivas que minimizam a incidência de carrapatos, vermes e moscas, comuns nessa estação do ano", destaca o médico-veterinário Thales Vechiato, gerente de produtos para grandes animais da Pearson Saúde Animal.

Os parasitas podem causar diversos problemas nos animais, incluindo perda de peso, anemia, queda na produção de leite e até a morte em casos mais graves. A primavera oferece condições ideais para a reprodução desses microrganismos. O gerente de produtos da Pearson explica que "nessa época do ano o ciclo de vida dos parasitas se acelera e o risco de infestações aumenta na mesma proporção. Por isso, a prevenção e o manejo adequado são indispensáveis para manter o rebanho saudável e produtivo."

Para prevenir e controlar esses parasitas, é necessária uma ação integrada, que combina

boas práticas de manejo com o uso estratégico de antiparasitários. "Rotação de pastagens, limpeza adequada dos piquetes e controle biológico de parasitas também ajudam a reduzir a pressão parasitária no rebanho", recomenda o especialista. "Além disso, a detecção precoce dos sintomas, como coceira intensa, queda de pelos e lesões na pele, pode evitar que uma infestação pequena se torne um problema maior".

Entre as soluções para o controle de parasitas, os endectocidas – produtos que combatem endo e ectoparasitas, simultaneamente – têm se mostrado eficazes. A Pearson Saúde Animal possui uma linha completa: Genesis Iver Pour-on é uma opção prática, indicada para o controle de vermes, bernes, piolhos e ácaros, além de auxiliar o controle de carrapatos e moscas. "Sua aplicação dispensa o uso de agulhas, evitando contaminações e desperdícios", destaca Thales Vechiato. Outra opção é Proatac Pour-on, que combate carrapatos, bernes, moscas-dos-chifres e helmintos gastrintestinais. Já Doramec, é específico para helmintos gastrintestinais, bernes, carrapatos, moscas-dos-chifres e miasas.

A escolha do produto adequado deve seguir as orientações de um veterinário. Ele orienta sobre o melhor tratamento para os parasitas presentes no rebanho. "A combinação de manejo adequado e uso correto de antiparasitários ajudam a atravessar a primavera com um rebanho saudável e produtivo, assegurando bem-estar animal e rentabilidade da produção", finaliza o



especialista da Pearson.

Sobre a Pearson

A Pearson Saúde Animal, que pertencente ao Grupo Eurofarma, tem mais de um século de experiência, adota o conceito de saúde única, que reforça a visão de saúde animal e a humana como codependentes. A empresa oferece um rico portfólio que inclui a pioneira Creolina, referência em desinfecção de ambientes e no controle de epidemias de saúde pública. Além do mais, a Pearson expandiu suas atividades para o mercado de animais de companhia em 2022, com a aquisição de licenças do laboratório Labgard, e inaugurou o Laboratório Gama em Itapevi (SP), considerado passo fundamental para se colocar entre as 10 maiores empresas do ramo de saúde animal. Para mais informações, visite o site <https://pearsonsaudeanimal.com/>

5º Circuito Pecuária de Cria tem palestras, tecnologias e soluções nutricionais voltadas para a seca



A Bigsal | Trouw Nutrition apresentou inovações que reforçam seu compromisso em oferecer soluções nutricionais completas e tecnológicas para os produtores no 5º Circuito Pecuária de Cria, promovido na Fazenda Genética R1, em Espigão D'Oeste (RO). "Agregar

valor aos produtos por meio da inserção de tecnologia exige também um diferencial em prestação de serviços. Por isso, levamos aos pecuaristas e profissionais presentes um novo modelo de trabalho, que combina solução e assessoria técnica, com a proposta de entregar não apenas suplementos minerais de alta qualidade, mas também suporte especializado para o correto uso de cada formulação", detalha Dermeval Flores, gerente regional da Bigsal.

Outro destaque foi a apresentação da linha de produtos para o período de seca, que permite recuperar o escore corporal das matrizes que enfrentam a seca severa de Rondônia e demais estados da região Norte. A marca Bigsal oferece uma linha completa de suplementos para ajudar os produtores a melhorar o escore corporal das matrizes e seus índices reprodutivos. Big Protéico 40 é ideal para a época de seca intensa e Big Energia proporciona o aporte energético essencial para os animais nesse período crítico. Como parte do modelo

"produto + serviço", a Bigsal | Trouw Nutrition oferece Beef Pasto, um eficaz núcleo proteico energético.

Parte importante do evento foram as palestras ministradas pelo consultor técnico Neto Prado e pelo gerente regional Bigsal I Trouw Nutrition, Dermeval Flores. Neto Prado abordou estratégias nutricionais específicas para o sistema de cria, enquanto Dermeval Flores destacou a importância de os produtores terem acesso a dados precisos para o melhor gerenciamento de suas atividades.

"Espigão D'Oeste é um importante polo de pecuária em Rondônia, com mais de 450 mil cabeças de gado. Promover um encontro na região para pecuaristas que buscam inovação tecnológica contribui para o desenvolvimento da cidade e da pecuária rondoniense. Estamos comprometidos com a oferta de produtos e serviços que atendem às necessidades dos pecuaristas, especialmente em períodos desafiadores, como a seca", conclui Dermeval Flores.

Produção de carne suína e de frango devem atingir novo recorde em 2025

A produção tanto de carne suína como de frango pode atingir um novo recorde em 2025. Influenciada por uma demanda internacional aquecida e um bom ritmo no mercado interno, aliada a uma conjuntura de custos controlados, fruto dos menores patamares de preços de grãos, projeta-se, para a carne suína, produção da ordem de 5,45 milhões de toneladas. Já para a carne de frango, as projeções apontam para uma produção de 15,51 milhões de toneladas.

Os dados foram divulgados nesta terça-feira (17) pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), durante o evento Perspectivas para a Agropecuária Safra 2024/2025. O bom desempenho projetado contribui para manter a produção das três principais proteínas animais - frango, suíno e bovino - no país em torno de 30,75 milhões de toneladas, volume estável quando comparado com o estimado para este ano.

Em 2025, a boa produção projetada para frangos possibilitará que as vendas ao mercado externo aumentem cerca de 1,9% quando comparado com o volume de embarques projetado para este ano, podendo chegar a 5,2 milhões de toneladas. "O Brasil segue livre da Influenza Aviária em granjas comerciais, o que se torna uma enorme vantagem competitiva no mercado internacional", lembra o gerente de Fibras e Alimentos Básicos da Conab, Gabriel Rabello.

Além disso, a competitividade do produto brasileiro no mercado internacional aliada a um cenário cambial favorável influenciam nesta expectativa

de elevação nas vendas. Mesmo com esta alta projetada no contexto externo, o volume de carne de frango destinada ao mercado interno também deve crescer: estima-se aumento de 2,3% no próximo ano em relação a 2024, sendo estimado em 10,32 milhões de toneladas.

Mercado externo – Cenário semelhante é esperado para o mercado suíno. A produção recorde de carne possibilitará incremento tanto no mercado interno como no externo quando se compara 2025 com 2024. Para o ambiente doméstico, a alta projetada é de 1,1%, com uma oferta estimada em 4,2 milhões de toneladas. Já para as exportações, a Conab projeta um volume de 1,27 milhão de toneladas, elevação de 3%. Destaque para a diversificação de mercado obtida pelos produtores brasileiros. Se em 2020 a China representava mais de 50% das vendas externas de carne suína, essa participação caiu para menos de 20% quando se olha para o volume exportado de janeiro a agosto deste ano.

Assim como os suinocultores, os pecuaristas brasileiros da bovinocultura de corte também têm conquistado novas praças, o que diminui a representatividade do país chinês para as vendas ao mercado externo. Entre janeiro e agosto de 2023, a China representava mais de 50% das vendas de carne bovina brasileira. Se considerarmos o mesmo período deste ano, essa participação cai para 44%. "A diminuição do percentual da China ocorre em função de aumentos robustos em outros mercados, principalmente dos Emirados Árabes

Unidos, Rússia e Filipinas. Outro importante importador no período são os Estados Unidos que, apesar de serem grandes produtores mundiais, estão importando mais produto uma vez que encontram um cenário de baixa oferta no próprio país", analisa Rabello.

Com a demanda externa aquecida, há uma tendência de alta nas exportações de carne bovina na ordem de 2,5%, projetadas em 3,66 milhões de toneladas. No entanto, diferentemente das outras carnes, a produção deve cair em relação ao volume a ser obtido neste ano, sendo estimada em 9,78 milhões de toneladas em 2025. Essa queda é explicada pelo ciclo pecuário, uma vez que no ano que vem é esperado início do movimento de reversão do ciclo, onde haverá crescimento gradual da retenção de fêmeas e uma menor disponibilidade de animais para abate no médio e longo prazo. Com isso, a disponibilidade interna para carne bovina deve ficar próxima a 6,2 milhões de toneladas.

Outras informações sobre o panorama de mercado projetado para carnes bovinas, suínas e aves para o próximo ano estão disponíveis na publicação Perspectivas para a Agropecuária Safra 2024/2025. O documento também traz a projeção para a produção de arroz, feijão, milho, soja e algodão, além de artigo elaborado pelo Banco do Brasil sobre a importância do crédito rural como fomentador de uma agricultura que visa ao desenvolvimento dos negócios por meio de ações ambientais, sociais e de governança.